

APRESENTAÇÃO

A *Matraga* inova seu temário, neste nº 29, ao voltar-se ineditamente para o efervescente século XVIII – século que prepara e vê deflagrado o mais radical e amplo processo revolucionário da história até então, do campo das lutas políticas aos hábitos sociais e às dinâmicas da vida privada. As mudanças nos costumes e nas mentalidades, então concebidas, não seriam mais revogadas. Os fundamentos da modernidade ganham algo de novo com a visão pragmática, a reinvenção do transcendente e o ideal progressista do ambiente setecentista.

Não sem razão, o XVIII ficaria conhecido como o século das Luzes, do reino da razão e de descobertas científicas que trariam uma melhora sem precedentes para a vida humana. Mas é também momento crucial em que a Europa começa a se ver como Velho Mundo, nostálgica das promessas vaticinadas pelas grandes navegações, pelo Humanismo e pelo sonho de galgar fronteiras que irrompe nas capitais europeias e vai ser buscado nos confins da planeta, onde houvesse colônias possíveis. Esse século, que assumiu a tarefa de defender a legitimidade da idade moderna¹, entra, graças ao esplendor de suas aporias, como eixo temático desta *Matraga*, no ano de seu jubileu de prata.

Não se trata de fortuita coincidência o cruzamento do tema com a data que festejamos. Desde o aparecimento da primeira *Matraga*, em 1986, a controvérsia, o desafio à dialética e o pensar criativo têm sido premissas que caracterizam a revista e a sua vitalidade. Esse caráter conflitivo é propriamente a tônica do período que abraçou o fulgor da pretensão moderna: uniu filósofos e (sub)literatos², iluministas e representantes do *underground*, libertários e libertinos, lá onde questões começavam a ser formuladas para respostas que as precediam, insatisfatórias, há séculos, à espera de justificações razoáveis.

Conscientes da impossibilidade de recobrir a amplitude enciclopédica do painel setecentista, empenhamo-nos em trazer o século XVIII para nosso fórum de discussão, através de contribuições que lhe fizessem jus. Do elenco de articulistas constam pesquisadores de diferentes disciplinas acadêmicas (literaturas vernáculas, filologia portuguesa, filosofia, história da arte, comparatística, retórica, teoria da literatura e letras clássicas) e de diversas universidades nacionais (UERJ, UFRJ, UFF, UFRRJ,

UFMG, Unicamp) e estrangeiras (Universidade de Québec, Universidade de Lisboa, Universidade de Salamanca, Universidade de Poitiers).

Nas páginas que se seguem, o XVIII ganha vida, através dos olhares contemporâneos que o enquadram. Recursivamente, criticidade e inovação, que foram prerrogativas do período, se enlaçam por dentro com abordagens pessoais, que tornam permeáveis a imaginação crítica, a intuição teórica e o gosto de cada articulista, nos artigos que resgatam o inventivo e o conceitual dos assuntos focalizados.

Em doze ensaios e duas resenhas, direta ou indiretamente, encontram-se em discussão os marcadores estéticos e culturais das letras no século XVIII e a história intelectual do período; a emergência da modernidade; desdobramentos das heranças renascentista e barroca, a crise da tradição pós-clássica e a especificidade do neoclássico, no enclive entre a estética da ilustração e a incoação do momento pré-romântico; a crítica moderna e seus revisores atuais; o papel de criadores, filósofos e textos como promotores de formas, tendências, movimentos literários, estéticos e filosóficos; as artes, a imitação e o *paragone*; a afirmação da Estética; os conceitos que fizeram voga naquele contexto e permanecem em pauta ainda hoje: gosto, juízo, estilo, crítica; verdadeiro e útil; sensação, etc.; o XVIII, na Europa e no Brasil.

Assim se delineia a tópica desta *Matraga*, plenamente desenvolvida nos artigos com que celebramos os 25 anos da revista de nossa Pós-Graduação.

*Ana Lucia de Souza Henriques
Carlinda Fragale Pate Nuñez*

NOTAS

¹ BLUMENBERG, Hans. *The Legitimacy of the Modern Age*. Trad. Robert M. Wallace. Cambridge: The MIT Press, 1986.

² DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução – O submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.